



# CINEMA

SEMANARIO  
CINEMATOGRAFICO

NUMERO 2

PREÇO 1\$00

Na capa: — Anny Ondra, protagonista do filme «Anny e os Car-teiros»

Redactores:  
João Santos  
e Sousa Martins

Redacção e Administração:  
Rua do Bom Jardim, 436-3.º  
PORTO



Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS  
Continente e Ilhas:  
Trimestre, 12\$00, Sem.  
24\$00, Ano, 46\$00 —  
Ulamar: Trimestre,  
14\$50, Sem. 29\$00,  
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:  
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas  
da Empresa AQUILA  
Rua Duque Saldanha, 312  
PORTO

Narração Cine-  
matográfica de F.  
W. Murnau e R. J.  
Flaherty

## “Tabu”

Apresentada  
pela  
“Paramount”

O Paraíso terrestre!  
Nos mares do Sul, as ilhas da Sociedade constituem um arquipélago muito extenso e importante, que compreende cerca de tresentas ilhotas ou «atolls» de formação calcárea. São as possessões francesas. Tahitiem é o centro geográfico e administrativo. Vinte mil indígenas, quando muito, habitam essas terras separadas do mundo, em que a civilização começa a aparecer timidamente nas pessoas dos compradores de pérolas ou dum Alain Gerbault. E' uma raça ativa e bela, que compreende tipos humanos duma extraordinária perfeição. Em certos «atolls» nunca viram brancos; é a vida primitiva em todo o seu esplendor!

Os polinésios, pescadores e caçadores, só conhecem o melhor da existência. Passam a vida num alheamento total do dia de amanhã.

Desde que a sua alimentação esteja assegurada, e possam cantar, dançar, rir, amar, que lhes importa o resto? O destino, para elles, é feito da ausência de cuidados e não poderiam compreender

as nossas múltiplas angústias europeias. Vida animal, vida nutrida de alegrias sem conta na mais bela terra que existe.

Porque a própria natureza parece prestar-se às delicias duma semelhante existência. As árvores dobram sob o peso dos frutos; o mar está coalhado de peixes; o clima é admirável e constante.

Bora-Bora é com certeza a mais afortunada das ilhas. Isolada, encimada por um pico vulcânico hoje coberto de florestas, ergue a barreira dos seus corais em frente dum mar eternamente mugidor. Os grandes navios não podem ali acostar; tudo naquela ilha se ignora, a não ser a felicidade duma existência de preguiça alegre e quasi infantil nas suas manifestações.

Bora-Bora conta cerca de duzentos habitantes. São polinésios de raça infinitamente pura, isto é, muito mais café com leite do que se imagina em homens que vivem nus, a cinta envolvida apenas com o «paréo» de côr viva.

(Continua).

## Ouvimos dizer...

que a Agência Cinematográfica H. da Costa passará quasi todos os seus filmes, daqui por diante, no «São Luiz», de Lisboa.

que o «Cine-Teatro Covilhanense» deve ter inaugurado ante-ontem, 28, as suas instalações sonoras, com aparelhos «Tobis-Klang-Film».

que a «Western Electric», a despeito da excelencia do seu material, difficilmente colocará mais alguns aparelhos em Portugal, em virtude dos seus preços demasiadamente elevados e condições onerosas.

que o primeiro número desta revista teve um extraordinário acolhimento, que, por esse motivo, a tiragem deste segundo número é aumentada.

que já regressou de Paris a pessoa que lá foi entender-se com os representantes duma importante casa americana, ainda não estabelecida em Portugal.

que em virtude disso é possível que muito em breve os filmes dessa casa americana apareçam regularmente entre nós, por escritório directo estabelecido em Portugal ou concessão exclusiva dos seus filmes.

que, após o Carnaval, o «Águia d'Ouro» exhibirá «O Rei da Graxa», com Georges Milton.

que um dos próximos melhoramentos desta revista é o emprêgo de melhor papel.

que o filme francês «Gagne Ta Vie», com Victor Boucher e Dolly Davis, que brevemente se estreia no «Tivoli», de Lisboa, foi adquirido para Portugal pela «Sonoro-Filmes».

que a reexibição de «A Severa», no «Batalha», constituiu um autentico exito.

que um dos filmes que Castelo Lopes vai apresentar brevemente é «Fra Diavolo», com o tenor Tino Paterra.

que o «Trindade» exhibirá muito em breve o célebre filme «Ruas da Cidade», com Sylvia Sidney e Gary Cooper, considerado uma obra-prima do cinema sonoro.

Presidiário — Legalização do direito ao aborto sob reserva de fiscalização médica — Um Homem livre — As Três fecundidades — Evadidos.

## Efemérides da semana

30 de Janeiro a 5 de Fevereiro

Jan. 30 (1921) — No «Strand», de Nova-York, estreia-se a fita «The First Born» («O Primogénito»), com Sessue Hayakawa.

31 (1926) — Morre em Altadena, California, a actriz Barbara La Marr.

C Fev. 1 (1922) — E' assassinado misteriosamente na América o realizador William Desmond Taylor, da «Paramount».

I 2 (1920) — No «Olimpia», de Lisboa, estreia-se a fita portuguesa «Comissário de Policia», com Duarte Silva.

E 5 (1920) — Promovida pela Repartição de Turismo, realiza-se no «Chiado Terrasse», de Lisboa, uma sessão em que se exibem documentários portugueses filmados pelo operador francês René Moreau.

## “Humanisphério”

Com o titulo de HUMANISPHÉRIO e o sub-titulo de «Anthologia de Renovação Mental», deve apparecer no proximo dia 1 de Fevereiro uma revista mensal, cujo texto é integralmente constituido por versões de trechos de auctores eminentes de todas as nacionalidades taes como E. Armand, André Lorulot, Kugen Relgis, Han Ryner, Federica Montseny, Raphael Barrett, Alvaro Yunque e muitos outros.

Versará de preferéncia os seguintes assuntos:

Sexualismo, Naturismo (Nudismo integral, Physiotherapia, etc.), Pacifismo, Anti-alcoolismo, Anti-tabagismo, Eugénica, Neomalthusianismo e Livre Pensamento.

Sumário do primeiro número:  
Preâmbulo — Berlim à noite — O Esfôrço — A Morte — Juiz recto — As Faculdades da alma — Prelúdio — Guerra chimica — A Reconciliação das raças — Os Três estylos musicas — O



Buster Keaton (*Pamplinas*) numa atitude à la *Récamier*. Anita Page pretende perturbá-lo... sem o conseguir. É uma cena de "O Fabricante de Estrêlas", da "M-G-M"

## O Cantinho dum Cinéfilo

Há um caso de certa gravidade, que deve merecer dos interessados a maior atenção.

Trata-se das legendas sonoras feitas em laboratórios portugueses. Algumas há que, pela sua má confecção, prejudicam inteiramente um filme. Ou se fazem sentir por um zumbido constante durante a projecção, dando a impressão de que grande mosca vareja anda esvoaçando pela tela; ou reduzem grandemente a intensidade sonora do que quer que se faça ouvir; ou, pelo contrário, a elevam extraordinariamente, sem que a aflição e o cuidado dos operadores lhes possa valer, porque do *fader* difficilmente vem remédio para tais ma-lheitas.

A cura está nos laboratórios de onde saem tais legendas, no dia em que a habilidade das nossas gentes quizer trocar o atabalhoamento, a urgência, o «remedeio», pela organização, pela precisão, pelo «definitivo».

Antes, não! E, enquanto o não fizerem, é preferível vermos legendas feitas no estrangeiro, mesmo que uma ou outra venha em *português*, mas técnicamente perfeita.



Não vão muito boas as relações cinematográficas franco-alemãs. Agora, a imprensa alemã quer pretender que a «Paramount» faça na Alemanha as versões alemãs dos seus filmes, que não nos estúdios de Joinville. E, depois de intitular de fiasco o trabalho da «Paramount» em França, acrescenta que Berlim chegou a preferir as versões originais inglesas de alguns filmes «Paramount» do que as versões alemãs feitas em França.

Deve haver certa dose de verdade, mas também boalose de exagêro nas afirmações da imprensa alemã.

Nunca vi nenhum filme alemão feito em França pela «Paramount». Mas é de crêr que esta casa não se esmerasse mais os filmes portugueses do que com os alemães. E se a «Paramount» mandou para a Alemanha alguma «Canção do Berço» «Mulher que ri», também deve ter enviado alguma «Minha Noite de Nupcias». E, se assim foi, não teem os alemães insira razão de queixa.

Demais, estava a «Paramount» bem arranjada se tinha de montar um estúdio em cada país em cuja língua fizesse filmes!

Crise de público ou crise de bons filmes?

Crise duma e doutra coisa.

O público, a quem o «sonoro» parecia um bicho de sete-cabeças, depressa acamaradou com êle. O cinema sonoro, na generalidade, com as suas valsas, os seus Ratos Mickey, as suas marchas militares, não exige dos espectadores a mesma depurada atenção e, digamos, a mesma inteligência que o silencioso requeria. E o público, sem que, no entanto, mostre por êle grande preferência, já é «tú cá, tú lá» com o cinema sonoro. Já lhe compreendeu e se familiarizou com os seus principais aspectos. E dessa familiaridade e dessa compreensão resultaram exigências enormes.

Filmes desta época, com os méritos e qualidades de grandes sucessos da temporada linda, se não com mais ainda, não teem tido acolhimento que se compare ao que obtiveram aquelas produções, há um ano, ou menos. Porque o público, insensivelmente, exige melhor. E a excelência da produção tem limites. Não pode ser ultrapassada à vontade de cada um.



Se não pode ser excedida à vontade de cada um, a excelência da produção fonofilmica pode, no entanto, ser depurada, modificar-se, evoluir. É que, de facto, há produtores que, no intuito único de se aproveitarem das ocasiões e das momentâneas preferências do público, não curam de se aperfeiçoar, de melhorar os seus produtos. O fonocinema cinsa mais de-prensa. É preciso não estagnar.

Já passou a moda da opereta americana, com muitos bailados, muitas *girls* e muito sapateado. Já lá vai o drama misterioso que se debate e se desvenda em pleno Tribunal. Estão em moda as fantasias musicais, tipo opereta europeia, mas lá chegará a sua vez. E também não tardará muito em que o público não ache mais piada à dança das cegonhas, ou à rapsodia de Lizst tocada pelo Rato Mickey. E Max Fleicher e Walt Disney terão de arranjar novas modalidades para os seus desenhos. Como terão de modificar os seus processos todos os outros realizadores.

Há crise de público e crise de bons filmes. E, principalmente, há a crise resultante do desequilíbrio entre as exigências rapidamente progressivas do primeiro e o desenvolvimento lento dos segundos.



# Aven tu ras

# trá gi cas

Mary Nolan, Bessie Love e Jack Oakie, três jovens cuja carreira brilhante esteve ameaçada de um trágico ponto final

No «écran» os actores afrontam perigos imaginários, ciladas terríveis, — mas tudo é «chiqué», tudo é a fingir... O perigo quasi nunca existe... O actor filma uma cena arrojadissima num prédio com dezenas de andares?... Então é certo e sabido que apenas se encontra a oitenta centímetros do solo... Com os truques tudo se consegue no cinema...

Mas surge uma pergunta... Qual será a verdadeira attitude de um actor quando se encontra deante de um perigo real e com a morte a espreitar a cada momento?...

— «Ah, nós não somos mais corajosos nem mais poltrões do que o comum dos mortais, dizia Gary Cooper fazendo uma careta. Os actores de cinema não são uns super-homens, mas também não são necessariamente os medicas que por vezes tem de representar no «écran»... Felizmente, não é todos os dias que nos aparece pela frente um perigo mortal!... Mas, quando é necessário, fazemos tudo para salvar a pele, — e ninguém se lembra de ser filósofo!...»

— «Só uma vez tive consciência dum perigo... Perto do meu rancho, no estado de Montana, encontra-se um tunel do caminho de ferro tam estreito que só dá passagem a um comboio. Tem talvez quatrocentos metros de comprimento e desenha uma apertada curva no meio. Muitas vezes atravessava este tunel a

cavalo, pois assim escusava de fazer uma ingrime subida pela montanha... Nunca pensei que este local fôsse uma terrível ratoeira, — pois estava seguro do meu ouvido de pele vermelha para ouvir, lá ao longe o comboio a andar...

Era imprudente... Uma manhã, quando atravessava o tunel, fiquei petrificado... O barulho do comboio ouvia-se cada vez melhor... Um minuto de indecisão, pois não sabia de que lado vinha o comboio...

Nun instante, lembrei-me de saltar da minha montada e de me encostar à parede, deixando ao cavallo a sua salvação... Mas o cavallo, assustado, talvez não me deixasse... Sucederam-se visões de pesadelo... O comboio descarrilado, gritos aflitivos, corpos feridos, carruagens em chamas... Tudo horrivelmente real... Pareceu-me, depois, que o comboio me apanhava, que o quebra-gelo me projectava ao ar e que ia cair num abismo... E todavia, durante todo este tempo estive imóvel, paralisado de medo...

O comboio aproximava-se; era necessário fazer qualquer coisa... O meu cavallo decidiu-se antes de mim, e, consciente do perigo, partiu a galope... A luz era menos tamisada: vi a entrada do tunel, que estava livre!... O comboio vinha atrás de mim... Ouvia o seu resfolar já próximo, e pensava com terror que me ia matar... O meu cavallo pare-

cia ter asas... Como um bolido, atravessou a boca do tunel e subiu ao longo da montanha... Era tempo!... Um segundo depois, o comboio passava com barulho ensurdecedor... Tinha escapado de boa!...

A encantadora Bessie Love conheceu também um momento de emoção fatal durante o qual se abandonou ao seu destino quando o seu automovel foi de encontro a outro carro.

— «Senti o choque muito antes dos automóveis se esbarrarem, e vi logo as noticias dos jornais anunciando a minha morte. E' estranho como se tem o conhecimento da morte muito antes de estarmos sequer feridos!... Em seguida foi um barulho horrível, uma grande confusão, a sensação de luzes que cegam, um murmúrio de vozes, uma successão de caras amigas e desconhecidas, — o hospital... Foi um minuto terrível!...»

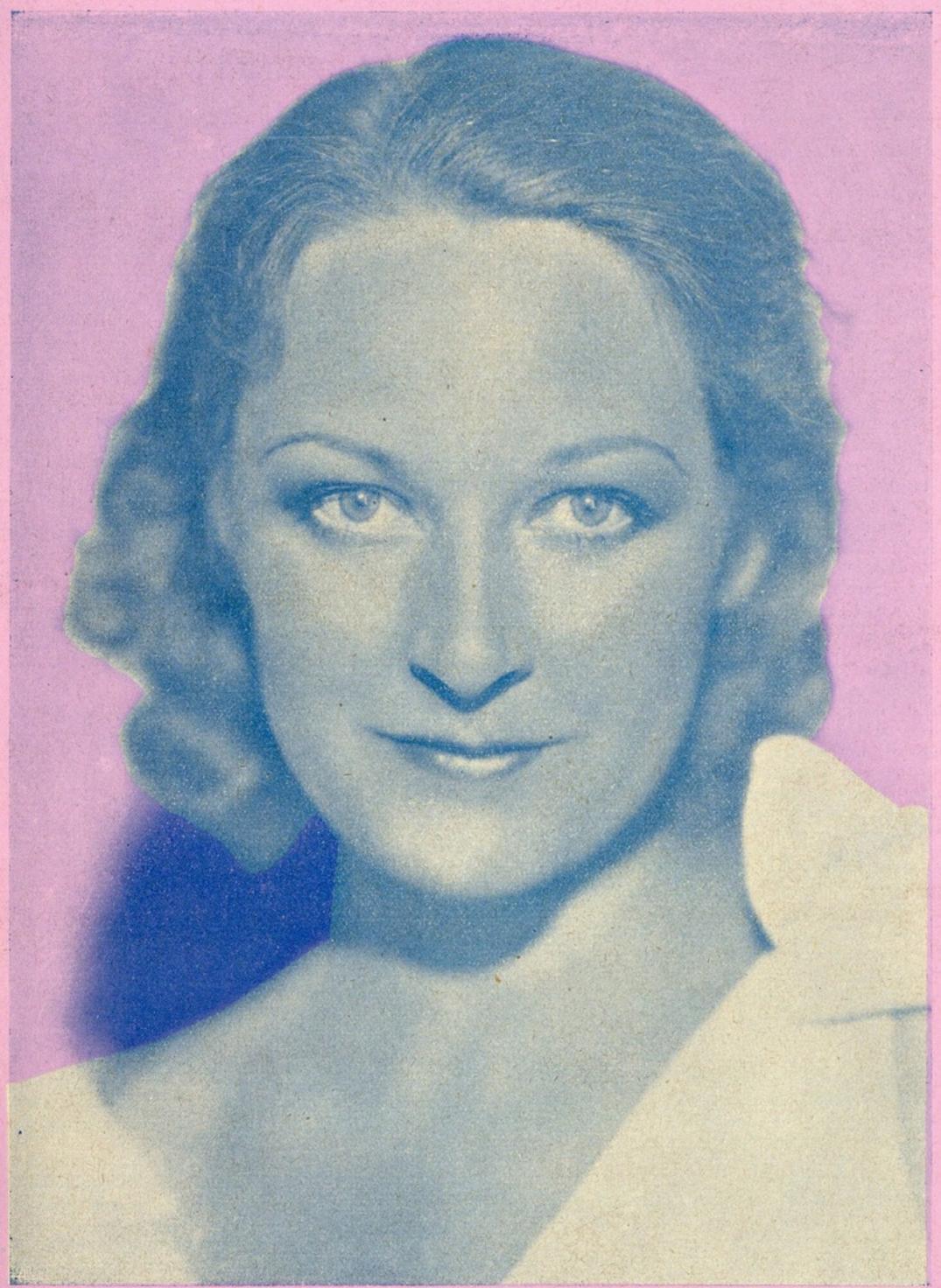
Foi durante uns dias que Jack Oakie passou em Nova-York que ficou de ta maneira ferido que foi necessário chamar uma ambulância a toda a pressa. Uma vez no hospital, os médicos discutiram longamente o seu caso e afirmaram que ele não duraria muitas horas mais. Hoje já cruado e pronto para outra, Jack Oakie brinca e diverte-se mais do que nunca.

— «Calculem que atravessei a Broadway precedido de um acompanhamento de claxons e de sirenes que perturbavam o trânsito e faziam fugir toda a gente para os passeios... Parecia um ministro!... Para um simples actor de cinema era qualquer coisa de estupendo... Só queria poder levantar-me da cama distribuir sorrisos e beijos à multidão dizer adeus ao meu público... No hospital, quasi que fiquei neurasténico quando vi os médicos aos segredinhos... Parece-me que alguns anos antes a minha mãe me applicaria um simples sinapismo que me faria melhor que todos aqueles medicamentos esquisitos...»

Durante umas férias passadas nas margens de um lago gelado do estado de Nova-York Joan Crawford ia perdendo a vida. Tinha saído sózinha numa pequena canoa, afirmando que sabia perfeitamente dirigi-la, — e a verdade é que era primeira vez que a tripulava. Não obstante os pedidos dos seus companheiros, ela afastou-se da margem do lago com uma segurança que estava longe de possuir. Tudo foi bem até ao momento em que a canoa, indo contra um tronco meio submergido, se immobilizou.

— «Procurei manobrar a canoa, dizia Joan, mas no meu esforço, preendi um pé numa barra transversal, e a canoa voltou-se. Impossível libertar o pé da sandália. Cai no barco, que estava cheio de água. Senti que ninguém me poderia salvar e esperava a morte a todos os momentos. Um tropel de imagens incoherentes sucedia no meu cérebro em desarranjo... O desespero da minha mãe, procura do meu cadáver, os aplausos que haviam sublinhado alguns dos meus processos teatraes, uma sensação de torpor e mais nada... Voltei a mim daí pouco, — e já estava no meio de amigo que, tendo apreciado o acidente, me tinham vindo salvar...»

Lupe Velez sómente por um verdadeiro milagre escapou da morte quando o seu automovel, indo de encontro a outro numa viragem, se voltou completamente e a deixou entre os destroços



A SENHORA DE KING VIDOR, EM HOLLYWOOD

aliás Eleanor Boardman. O romance começou com a filmagem de «O Cavaleiro do Amor», que Vidor dirigiu há anos, para a «M-G-M». Eleanor Boardman, uma das mais lindas actrizes americanas, está agora na «Paramount». Seu marido, que continua a sêr um dos grandes realizadores americanos, segue na «M-G-M»

# Carta de Hollywood

Greta Garbo, «A Misteriosa», dá que falar aos jornalistas nova-yorquinos — O aniversário de Lew Ayres — O Menino Jesus presenteia Sylvia Sidney — Hollywood diverte-se!

Perdoai-me, caros leitores, o meu atraso e a minha irregularidade. E' que nem tudo corre à medida dos nossos desejos, e isto por aqui não é o mar de rosas que muita gente julga... Emfim... vamos ao que interessa, e eu prometo-vos que procurarei, de futuro, uma maior assiduidade, de harmonia com os interesses de «Cinema», com o desejo de vos dar, fresquinhas e autenticas, noticias d'este centro produtor de filmes, terra de produção que nem para todos é Terra de Promissão...

Greta Garbo continua sendo uma interrogação em Hollywood. Toda a gente tem andado intrigada acerca das futuras disposições da estrela sueca, e, apezar-de continuar sendo uma das primeiras *box-office attractions*, não se sabia se continuaria ou não na «M-G-M» após a terminação de «Grand Hotel». Em Culver City já se discutia a próxima filmação desta película, que está dentro do actual contrato da Garbo, mas, por outro lado, até se afirmava que ela não chegaria a interpretá-la.

A avolumar os rumores, um dia a «esfinge» desapareceu de Hollywood. Ninguém sabia dela. Nem em casa, nem nos estúdios, nem em parte alguma. Uns diziam que tinha partido incógnita para Nova-York. Outros, que estava escondida em casa, negando-se a receber quem quer que fosse. Outros ainda, que tinha atravessado a fronteira a estava divertindo-se em Tia Juana, no México.

Afinal, os telegramas e os jornais de Nova-York depressa fizeram cessar todos os boatos. Tinham razão os que afirmavam que Greta Garbo tinha partido para o Este. Estava em Nova-York no Hotel St. Moritz, onde, apezar-de se apresentar disfarçada e pretender fugir aos ataques dos jornalistas, foi logo descoberta.

Os reporteres andavam desconfiados, se bem que no registo do hotel não figurasse o nome de Greta Garbo. Mas, num dia da ultima semana de Dezembro romperam todas as hesitações e atacaram aquela mulher alta, de boina preta, da qual saíam alguns cabelos louros, olhos azuis cobertos por oculos de tartaruga, casaco cinzento, meias de lã e sapatos de salto baixo, que descia as escadas do «St. Moritz», mas que parecia mais uma colegial inglesa do que uma actriz — e que actriz! — de cinema.

E começou a ofensiva. A «misteriosa» resistia. «Não, não sou Greta Garbo! Os cavalheiros estão enganados!» E mal sabia ela que se denunciava pelo sotaque estrangeiro do seu inglês. Até que, por fim, tão insistentes foram as perguntas dos jornalistas, que ela tomou uma atitude decisiva e respondeu: «Pois bem, sim, sou Greta Garbo! Estão satisfeitos? Vim de Hollywood, para descansar, não para me exhibir. Por isso me disfarcei e

dei no hotel o nome de Gussie Berger. Mas, por favor, não falem de mim! Queria repousar, pois devo regressar a Hollywood dentro de poucos dias, para principiar interpretando, em 4 de Janeiro, a minha nova fita «Grand Hotel». E, até lá, queria estar sosinha!»

Mas não tão só como dizia, pois os fotografos que se conservaram nas visinhanças do hotel, viram-na chegar à tarde, acompanhada de um rapaz louro que não disse o nome e que ninguém conseguiu saber quem era. Quando os *cameramen* assentaram as objectivas, Greta Garbo teve um principio de desmaio. Recompôs-se, e quando chegou à porta do hotel, na rua 58, já levava atrás de si



«... e lá estava Fay Wray acompanhada de seu marido, o escritor John Monk Saunders...»

mais de 60 pessoas. Correu para o elevador, subiu e fechou-se no quarto.

Os jornais de Nova-York acrescentam que um dos motivos que levaram Greta Garbo aquela cidade foi um entendimento com os maiores da «M-G-M», para a assinatura dum novo contrato. Nada transpirou sobre o assunto. Apenas se sabe que Greta Garbo já está de volta, que em Culver City está tudo a postos para filmar «Grand Hotel». E' muito possível que nada ficasse resolvido, por enquanto, pois, se tal se desse, a «M-G-M» já o teria proclamado aos quatro ventos. O mais provável é que a «M-G-M» este-

ja aguardando os resultados de «Mata-Hari», que há 4 dias se estreou, com grande exito segundo os telegramas, no «Capitol», de Nova-York.

Lew Ayres, hoje um dos primeiros galãs americanos, depois do seu desempenho em «A Oeste nada de novo», festejou do dia 28 de Dezembro o seu 25.º aniversário. A esposa de Lew Ayres (Lola Lane, cá para a gente do cinema) deus as boas-vindas a numerosos convidados, entre os quais figuravam todos os intérpretes de «A Oeste, nada de novo».

Todos, não! Faltava lá o pobre do Louis Wolheim!

Nos estúdios da «Paramount» discutiu-se muito há dias o presente que o Menino Jesus deu a Sylvia Sidney. A mãe da jovem actriz — dizem que por ordem do Menino Deus — ofereceu-lhe um automovel «Lincoln» de 12 cilindros. O mais curioso da dádiva é que se trata do primeiro «Lincoln» que a fábrica acaba de lançar no mercado.

E Sylvia Sidney anda radiante! Vocês conhecem esta garota, que tam rapidamente alcançou o *stardom*? Viram já o seu papel em «Ruas da Cidade»? Pois não percam «Uma Tragédia Americana» e «Confissões duma jovem»!

Sylvia Sidney é hoje um dos grandes elementos da «Paramount».

Com as festas do Ano Novo, toda a gente por aqui, como, de resto, em toda a parte, pensou em divertir-se.

Toda Hollywood festejou o *reveillon*. E quem quer que na noite de S. Silvestre deitasse uma vista de olhos para o Embassy Club, para o Blossom Room do Hotel Roosevelt, para o Mayfair Club, para o Coconut Grove, no Ambassador, ou para o Biltmore, veia por lá todas as estrelas e astros que brilham em Hollywood.

Dei uma fugida ao Mayfair, o mais frequentado. An mação indescritivel. Como de costume, lá estavam em grupos em *parties*, algumas das caras e nomes mais populares da cinelandia. William de Mille e esposa (Clara Beranger) recebiam Cederic Gibbons e esposa (Dolores Del Rio), Sharon Lynn, Willis Goldbeck e Benjamin Glazer. Jean Hersholt e esposa convidaram para a sua meza Eric von Stroheim e esposa. Os esposos Reginald Denny tinham como convidados Edward Hillman e esposa (Marion Nixon), Hoot Gibson e esposa (Sally Eilers), Edward Cline, etc. E, entre outros, aqui e ali, Neil Hamilton, John Monk Saunders e esposa (Fay Wray), Rolph Blum e esposa (Carmel Myers), William Wellman, Robert Vignola, Roscoe Arbuckle, etc.

Marion Davies, que raras vezes faltou



## ~ «Anny e os Carteiros» ~

Realização de Carl Lamac, com Anny Ondra e Vlasta Burian.  
Distribuído pela Agencia Cinematográfica  
H. da Costa, Limitada.

Anny, modestíssima criada da celebrada actriz Sabine Velden, tem duas grandes paixões: o Empresário da sua patroa — e o Teatro. Tem, além disso, um irmão, que é carteiro, e que tem por ela uma dedicação verdadeiramente fraternal.

Um dia, o acaso reúne no palco do Teatro Rokoko, durante o ensaio duma nova revista, Anny e o irmão. Uma conversa faz-lhes saber que Sabine Velden se nega terminantemente a representar o papel que lhe distribuíram na peça, de que ninguém conhece o autor, nem as razões de que o levam a guardar o anonimato. O atilado irmão aproveita esta oportunidade para, eliminando todas as concorrentes, apresentar Anny ao empresário como a substituta ideal para o papel de Sabine. E, no intuito de melhor satisfazer os seus intentos, diz que ela vai recomendada pelo próprio autor da peça, que até se dera ao trabalho de lhe ensinar o papel. Mas o empresário, desconfiado, para tirar o caso a limpo, manda-os ter com o autor ao Automóvel Club.

Os jovens estão com sorte. O autor era, nem mais nem menos, do que um Ministro — o Ministro dos Correios, que tem pelos dois irmãos uma grande simpatia. Anny é, portanto, aceite, mas Sabine Velden, sabendo que o autor da peça é um tam influente personagem, pretende recuperar o seu antigo lugar.

Isto, que pode parecer facilimo, é uma tarefa impossível, quando se encontra pela frente uma rapariga como Anny e um carteiro como o irmão.

A peça sobe à çena. Anny vai representá-la, sucedendo-se uma série de complicações interessantíssimas, que não tentamos sequer descrever, e que mantem o público em constante risota.

às festas do Mayfair Club não veio. E' que festejava o Ano Novo, que coincide com o seu aniversário, na casa de Santa Monica Beach.

Jack Warner, um dos irmãos Warner «Warner Brothers» e sua esposa foram passar o *reveillon* a Agua Caliente, no Mexico (não há Lei Seca, no Mexico!). Alugaram um grande caminhão de passageiros, e lá foram com os seus convidados, entre os quais se contavam o realizador húngaro Michael Curtiz e sua esposa a cenarista Bess Meredyth. Hal Wills e esposa (Louise Fazenda), Herman Politz e outros.

Uma pândega! Hollywood diverte-se!

Que se divirta à vontade, e que nos dê boas *pictures* neste 1932 que começa.

E até breve! Seguem notícias soltas, amanhã ou depois.

Hollywood, 4 de Janeiro de 1932.

J O ã O P O R T U G A L

P. S. — Junto um recorte dum jornal americano, em que se diz que o realizador português Leitão de Barros foi ao Brazil tratar de estudar as possibilidades da formação duma companhia luso-brasileira para a produção de filmes em português.

Acho boa a ideia. Tanto o Brazil como Portugal tem que contar com as vantagens que mutuamente podem encontrar num e noutro mercado, e creio que, de mãos dadas, podem fazer alguma coisa. Por aqui, não se pensa em nada, a respeito de filmes em português. Mesmo no que respeita a versões estrangeiras, os produtores estão bastante desanimados. E o que se fizer — e a maior parte será pelo processo *dubbing* — não sairá, decerto, das línguas francesa e espanhola.

JOÃO PORTUGAL.



C  
I  
N  
E  
M  
A  
7

## Qual das duas é...



### O crime da gordura

O crime da gordura... Em Hollywood, onde as atitudes são procuradas com cuidado, a excessiva gordura é um crime horrível, que pode levar uma estrela ao declínio do seu brilho resplandecente...

Na Califórnia as mulheres são delgadas, finas, flexíveis... Talvez influência do clima, da latitude... Talvez influência da água ou da alimentação... A verdade é que os senhores sisudos que trabalham com as estatísticas já calcularam que em Hollywood apenas durante cinco anos uma mulher pode aparecer no «écran» com um aspecto de frescura real.

As antigas estrelas, como as irmãs Talmadge, Mary Pickford, Corinne Griffith, Glória Swanson e outras, já não podem aparecer com um aspecto muito juvenil... Porque a verdade é que a maquiagem e outras artimanhas fracassam completamente ante a inclemência dos «close-ups»...

Combater a obesidade é uma tarefa fácil comparada com o combate às ru-

gas e «pés de galinha»... Massagens e unguentos maravilhosos, ingestão de bebidas especiais, tratamentos com raios ultra-violetas, exercícios apropriados, — tudo é mais ou menos inútil.

Suprimir uma segunda barba é uma das empresas mais difíceis do mundo. O tecido adiposo que aí se acumula é rebelde e pertinaz. Por meio de dieta e de exercício é impossível fazer a sua redução, pois adviria um adelgaçamento total que conduziria inevitavelmente à tuberculose. Com resultados bastante satisfatórios se aplica actualmente a diatermia.

Para emagrecer é necessário que as estrelas se submetam a fricções com cânfora, massagens bioquímicas, infusão do corpo em ervas aromáticas e banhos de calor, ministrados em estufas apropriadas.

Calculem o sacrifício a que se obrigam as estrelas quando lhes dizem: «daqui a uma semana, apareça às 6 ho-

(Continua na página 12).

## Dentro e Foras Estudios

Maurice Lehmann, director do Theatre Saint-Martin, de Paris, processou os herdeiros de Edmond Rostand, por terem vendido à casa «Osso» os direitos de reprodução de «L'Aiglon», direitos que ele tinha adquirido para a representação teatral da obra. E pede um milhão de francos de indemnização. Resta saber o que decidem os tribunais, sobre direitos de representação teatral e direitos de reprodução fonocinematográfica.

Lawrence Tibbett, o famoso barítono americano que apareceu esta época em «A Canção do Bandido» e «Lua Nova», decidiu vir à Europa no corrente ano de 1932. Será a primeira vez que Tibbett visita o Velho Continente.

Sylvia Sidney, a nova actriz americana que interpretou «Ruas da Cidade», que no Porto se estreará brevemente, fita que tem sido um acontecimento em todo o mundo, vai ser a protagonista de «I Jerry take thee Joan», com Frederic March, para a «Paramount».

O realizador francês Henry Russell, que há anos filmou «A Valsa do Adeus», sobre a vida de Chopin, está preparando «O Canto do Cisne», sobre a vida de Mozart.

Nos estúdios da «Ufa» em Neubabelsberg está sendo filmado «A Condessa de Monte-Cristo», com Brigitte Helm, Lucie Englisch, Rudolf Forster, Oscar Sima.

O realizador russo Fedor Ozep vai dirigir em França a fita «Nuits Parisiennes», para a «Pathé-Natan».

«Ein Nacht im Paradies» («Uma Noite no Paraíso») é o título da fita que Anny Ondra está interpretando em Berlim, para a combinação «Lothar Stark — Ondra-Lamac». Desta fita serão feitas versões alemã e francesa.

O filme «4 de Infantaria», de Pabst, que já vimos em Portugal na época passada, foi apresentado em Londres, pela primeira vez, no domingo, 17 do corrente, no «Academy Cinema».

Constant Rémy, que tinha sido contratado pela «Paramount» de França, para fazer o papel de Karénine na fita «Ana Karénine», com

Podíamos fazer um concurso, mas queremos impacientar os leitores. A da esquerda é a actriz Juliette Colla «Paramount», uma recém-vinda que vai dar que falar, e que se senta aqui numa perfeita imitação da sua camarada Greta de quem damos, à direita, o seu mate retrato

Olga Tschechowa na protagonista, desligou-se amigavelmente daquele contrato, não tendo começado a filmar aquela película.

A «Fox» começou em princípios de Janeiro a filmagem de «Devil's Lottery» («A Loteria do Diabo»), com Elissa Landi, Victor MacLaglen e Paul Cavenagh, sob a direcção de Sam Taylor.

Pola Negri esteve descansando alguns dias em Hollywood, no hotel Ambassador, tendo partido há pouco para Palm Springs, onde vai convalescer da doença que recentemente fez perigar a sua vida.

Na próxima viagem à Europa, Marlene Dietrich aparecerá no «Scala» de Berlim, music-hall que acaba de a contratar.

O cenário de «Love me Tonight» («Ama-me esta noite»), a próxima fita de Maurice Chevalier e Jeanette MacDonald para a «Paramount», esá sendo escrito por Samson Raphaelson, numa obra de Leopold Marchand. Rouben Mamoulian, o realizador de «Ruas da Cidade», dirigirá aquela película.

William Collier Jr. aparecerá ao lado de Miriam Hopkins na fita «Dancers in the Dark» («Dançarinos na escuridão»), que a «Paramount» vai fazer. Jack Oakie e Eugene Pallette tomam parte na interpretação.

Na sexta-feira, 22 do corrente, estreou-se no «Ufa Palast am Zoo», de Berlim, a fita «Tumultes», com Emil Jannings e Anna Sten, da «Ufa».

Tem estado em Paris o director americano Frank Capra, que realizou «O Dirigível», para a «Columbia».

### Correspondência

As muitas cartas que já aqui tenho, para a secção «Correspondência» de «Cinema», terão a sua resposta no próximo número. A organização que estamos dando aos nossos serviços e a falta de espaço com que lutamos, não permitem que seja inaugurada hoje a minha secção. Paciência! Até ao próximo número.

EU SEI TUDO.

## ...Greta Garbo?



### Estrélas fugazes

Nada mais efêmero no mundo do que a glória nem mais transitório do que a fama. O apogeu de popularidade é com frequência o anúncio luminoso instalado nas grandes vias cosmopolitas, e que se apaga para nunca mais se voltar a acender, apenas amanha uma outra representação.

Por vezes o homem sobrevive ao seu anúncio e experimenta a dantesca dor de ficar perdido no negrume da noite a observar as cintilações de outro astro, — que não é mais do que um outro anúncio luminoso...

Este desfile irónico de estrelas fugazes, de fogos fátuos que prometem a imortalidade de umas horas, tem o seu mais complexo cenário em Hollywood. As «estrelas» sucedem-se com meteórica velocidade... O acaso está perto da aurora... Os eclipses são frequentes, — como se as órbitas artísticas se sobrepuassem incessantemente... É um sistema caótico onde os astrónomos — os realizadores — gastam o seu tempo

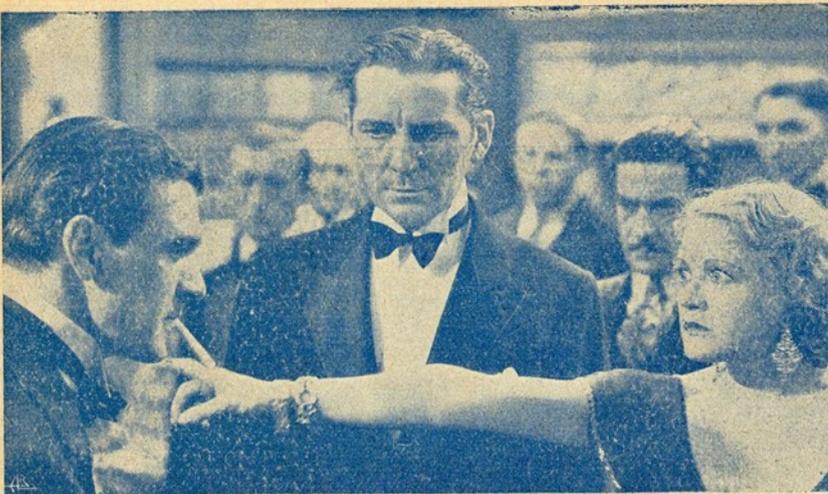
a descobrir novos «astros», e não a fixar grandezas e medir distâncias...

As «estrelas» morrem cedo em Hollywood...

Clara Seymour, Robert Harron, Rodolfo Valentino, Wallace Reid, Mabel Normand, Harold Lockwood, Bárbara La Marr desapareceram no ocaso da morte entre os vinte e os trinta anos, — precisamente quando acabavam de chegar a «estrelas»... A febre artística, o torvelinho caleidoscópico da necessidade de fazer melhor matou-as... Lucilla Ricksen, a mais bela rapariga do seu tempo, morreu esgotada pelo trabalho... Robert Harron acabou com a sua neurastenia com uma bala... Bárbara La Marr morreu tuberculosa por causa da sua intensa actividade...

Não é só a morte aureoleada pela fama, como sucedeu a Valentino e a Wallace Reid, que aflige os semi-denses de Hollywood... São os acidentes, as doenças, as operações...

(Continua na página 12).



“As Ruas da Cidade”... Como um rio imenso, de águas negras e revoltas, deflúem as avenidas e *streets* da moderna Babel... Abrem-se umas em casario elegante, recurvam-se outras pelos bairros afastados, levando na sua caudal de gente varia os mais perigosos tipos: os saltadores, os ladrões inveterados, os que contrabandeam no comércio das bebidas alcoólicas, os vendilhões de narcóticos, os viciados de toda a espécie.

São estes, inimigos da ordem e da lei, as perigosas larvas que envenenam a vida urbana e se cevam no organismo da cidade.

O negócio do contrabando da bebidas alcoólicas havia drenado milhões para a conta de banco de Peter Maskal, um desses estrangeiros afoitos, que em Nova-York levantam grandes fortunas, já financiando o crime organizado, que passando a ser uma nova *indústria*, já sustentando o comércio ilícito das bebidas condenadas pela lei proibitiva do álcool. Para manter o seu negócio Maskal possui uma grande fábrica de cerveja. Os seus agentes distribuem o produto e cobram dos revendedores uma grande parte dos lucros. Quem não se sujeita a tais imposições, cai logo no desagrado da quadrilha de Maskal, e um dia «desaparece» do rol dos vivos.

O velho Cooley, capataz de alguns distribuidores de cerveja, tem uma enteada, de nome Nan, em quem o chefe Maskal, secretamente, de há muito tem os olhos. Falará com o padraсто, e a pequena será dele. Que importam a Maskal as suas muitas amigas? Uma pequena como Nan vale um milhão de dólares e uma casa separada, onde o «rei da cerveja» possa ir reclinar a cabeça e gozar um pouco aquela mocidade bizarra e tentadora.

Numa visita ao parque de diversões de Coney Island, Nan relaciona-se com *Kid*, um rapagão de dois metros de altura, empregado de uma barraca de tiro ao alvo. *Kid* é o melhor atirador da cidade, e quando sai com ela, costuma ir pela barraca dos outros dar tiros em patos de barro, ganhando prémios que gentilmente oferece à sua namorada. Não perde um tiro! São bonecas, elefantes, joias baratas, frascos de essências os prémios que Nan recebe. O génio do *Kid*, sempre sério, harmoniza-se tam bem com o

de Nan, seria por natureza, que os dois tornam-se inseparáveis.

*Kid* tinha trabalhado num circo de cavalinhos, tinha sido marinheiro, e moço de recados num hotel, e agora era caixeiro no «barracão de tiro ao alvo». Este emprego, porém, não lhe dava senão para viver e mal. Por isso, um dia, ao passearem pela praia, sugeriu-lhe Nan entrar para o negócio da cerveja. O padraсто arranjar-lhe-ia emprego se ela lho apresentasse. *Kid* já lhe falara em casamento, porém Nan não via como casar com um homem que ganhava tam pouco.

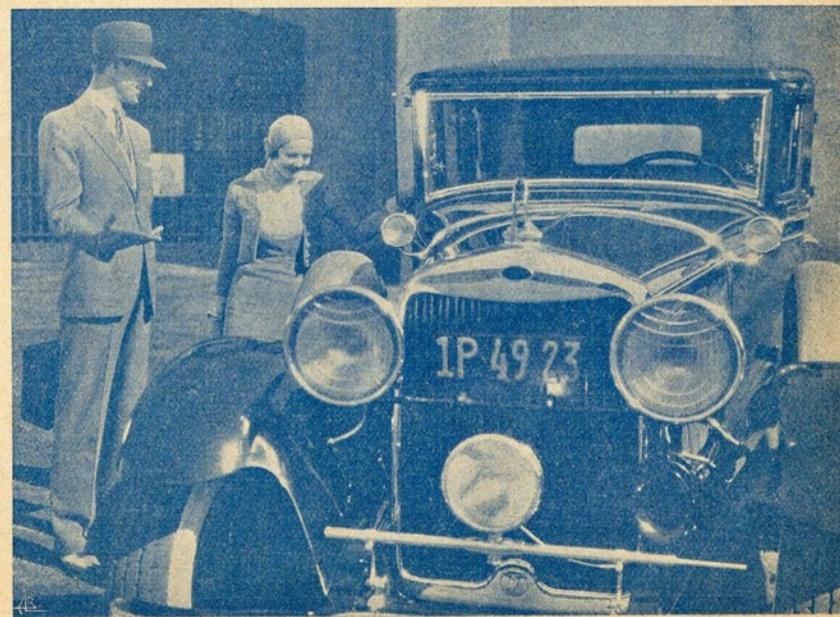
— Montando potros bravos e dando tiros ao alvo não chegarias a ser rico... Porque não vais trabalhar com *Pop*, no negócio da cerveja, onde ganharias muito mais?

— Se gostasses de mim a valer, casarias comigo amanhã, mesmo que eu não tivesse dinheiro, como não tenho...

A observação romantica do rapaz não ia bem com as ideias da namorada, mas nem por isso se zangaram. Marcam uma nova entrevista, e Nan volta para casa.

\* \* \*

— Onde andaste, rapariga? — pergunta-lhe o padraсто — Estiveste com o



# Ruas da Cidade

pelintrado *Kid*? Olha, preciso de ir à casa de *Blackie*, e quero que fiques em casa... Temos de fazer uma entrega de cerveja, e é sempre bom estarmos de sobreaviso com a policia...

*Pop Cooley* sai para casa de *Blackie*, um dos agentes de confiança de *Maskal*. Ao voltar a esquina, depara-se-lhe uma cena estranha à porta de *Blackie*. *Maskal*, que ia a sair, deu um beijo na amante do outro, que o viera acompanhar até à rua. *Blackie* irrita-se com o atrevimento:

— Não leves a mal, homem, foi apenas um beijo de «boa noite»... — explica *Maskal* ao enfurecido companheiro de de roubalheira.

— Um beijo de despedida, para ti e para ela, verás... Pensas que por seres chefe do grupo...

— Sempre amigos, *Blackie*, diz-lhe *Maskal*, estendendo-lhe a mão.

O outro recebe o cumprimento, mas bem sabe que esse «sempre amigos» é a *senha* da morte. Sempre que o chefe dirige esta frase a alguma pessoa, saem-lhe na sombra os seus sequazes e o homem desaparece...

*Pop* recolhe-se na esquina, e depois, simulando que vem de longe, encontra-se com *Maskal*. Vai a passar, quando o chefe o chama:

— Olha lá, *Pop*! Se acontecer alguma coisa a *Blackie*, poderias chefiar a gente dele? O outro responde afirmativamente.

— Pregunto-te isto, continua o chefe, — porque se ele *desaparecer*, passarás a capataz do grupo.

Momentos depois de ter entrado em casa de *Blackie*, *Pop* fala à enteada pelo telefone:

— Escuta, Nan. Vou sair com *Blackie*... Espera-me na esquina, daqui a dez minutos, ainda que tenhas de *quebrar um braço*...

Uma recomendação muito natural,

que não despertaria suspeitas a *Blackie* se a tivesse ouvido. Entretanto, *Aggie*, a amante de *Blackie* sofre as brutalidades do amante.

— Bateu-te, hein? — pergunta-lhe *Pop*.  
— Um dia m'ò pagará!  
— E se não chegar a viver até esse dia?...  
\* \* \*

A cena é rapida e de funestas consequências. *Blackie*, ao sair com o velho *Pop*, desconfia das suas atitudes e exige que lhe passe o revolver.

— Não estou hoje para facilitar com ninguém... resmungo ao receber a arma.

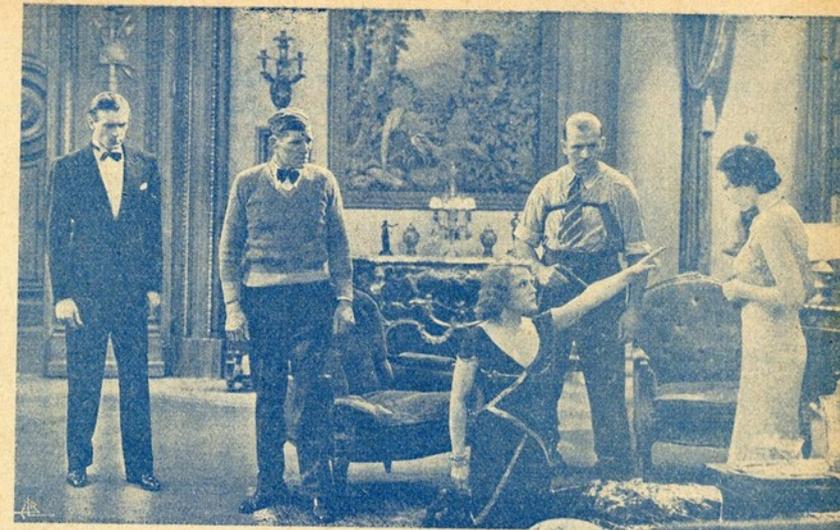
— Mas, como queres que eu te proteja, que te guarde as costas, se me tiras a unica arma que tenho? Não deves desconfiar de mim, *Blackie*... o chefe sabe que eu sou teu amigo e não te armaria nenhuma vingança servindo-se de mim...

— Dizes a verdade? Posso confiar em ti, *Cooley*? pergunta o outro, fixando os olhos do velhote, como a querer devassar-lhe a alma. — Pois, bem... aqui tens o revolver...

*Pop* pega na arma, e com grande espanto do outro, solta a frase diabolica:

— Sempre amigos, *Blackie*... Neste momento já lhe havia encostado o revolver ao estomago: Um grito, uma praga raivosa, e três tiros rapidos... *Blackie* rola sem vida... *Pop* mete-se no auto que os trouxera. Uma pequena de preto (é *Nan*), com um braço ao peito, como se o tivesse partido, acerca-se do velho. E este, entregando-lhe a arma homicida:

— Atira-a ao rio! O carro parte desabridamente, porém *Nan* não chega a executar a ordem: cai nas mão de um policia. Apesar-de encontrada com a arma assassina, é baldado o trabalho das autoridades para lhe arrancarem o segredo. *Pop*, chamado a depor, «não sabe de nada»; a



essa hora estava em casa em casa de *Blackie*, fumando, a conversar com *Aggie*, Sabendo-se que não fora a rapariga a autora do assassinato, pois o policia que a prendera vira o assassino entregar-lhe a arma, *Nan* é condenada a dois anos de cadeia e trabalhos penitencia-rios.

Dias depois, encontrando-se com *Kid*, *Pop Cooley* dá-lhe noticias de *Nan*.

Está presa. A policia meteu-lhe um revolver na mão para a implicar na morte de *Blackie*... Não queres vir trabalhar comigo? Poderemos arranjar um advogado e po-la em liberdade...

— Mas eu não tenho dinheiro, — explica o rapaz.

— Vem trabalhar comigo. A cerveja dá dinheiro... Eu sei que és bom atirador... Toma, não é para matar ninguém — é só para tua defesa... diz-lhe *Pop* metendo-lhe um revolver na mão...

O rapaz tem um momento de indecisão. Nunca quizera aceitar a proposta de *Nan* para entrar para o *gang* da cerveja. Mas *Nan* está presa, ele precisa de arranjar dinheiro, precisa de trabalhar com a padraсто para a soltar... Aceita.

\* \* \*

Cumprida a sentença, porque nem *Kid* nem *Pop* poderam fazer nada pela liberdade da jovem, chega o dia da soltura de *Nan*. *Kid* vai esperá-la à porta da penitenciaria. Ao ver o rico automovel do namorado, a jovem espanta-se. Ele explica:

— Estou a trabalhar com *Pop*... A cerveja dá dinheiro, como vês...

— Oh, *Kid*! Antes queria que te não tivesses envolvido nisso...

— Mas tú mesma querias arranjar-me um emprego com *Pop*, lembras-te? Entrei para a *turma* e tenho gostado do trabalho...

— Não sei porque, mas tenho uns presentimentos...

Agora, que por causa dessa gente passei dois anos na cadeia, estou bastante mudada...

O *Kid* leva *Nan* para o «quartel general», onde o *Pop*, como chefe de um grupo de contrabandistas de bebidas alcoólicas, vive a boa vida do dinheiro facil. O chefe *Maskal*, agora mais poderoso do que nunca, entusiasma-se ao ver a rapariga, hoje mais bonita e mais mulher. Manda logo arranjar uma grande festa, com musica, banquete e danças, em homenagem da enteada de *Pop*. *Kid*, que nenhuma suspeita tem das intenções do chefe, aceita o oferecimento que parece ser-lhe dedicado. Pois todos conhecem o seu noivado com *Nan*.

Na noite da festa, que se realiza num dos mais ricos cabarets da cidade, lá está toda a *gang*: tipos de má catadura, capazes de tudo, a quem a capa dos *smokings* e os trajos de etiqueta mal amaina os semblantes patibulares. O chefe *Maskal*, assim que começam as danças, tira *Nan* e não mais a larga. Ela procura escapar-se à sua louca insistencia, mas o cabecilha não a deixa. Por volta de uma da madrugada, o *Kid* consegue dançar com ela pela primeira vez, mas em meio da dança vem *Maskal* e quer tira-la dos braços do rapaz. *Kid* opõe-se. — Você tem dançado com ela a noite inteira. Esta é a minha vez! *Maskal*, que nunca se vê desobedecido sem tomar desforço imediato, chama uns seus sequazes à parte e dá-lhes ordem para *despachar* o *Kid* antes do amanhecer. *Nan*, que conhece a palma a tactica de *Maskal*, insiste com *Kid* para que a leve



# Pelos nossos Cinemas

a casa, procurando retirá-lo da festa. Em casa, insiste com ele para não sair, quando a criada vem avisá-lo de que dois homens desconhecidos o procuram. Nan sabe que são os sequestradores de Maskal, para o matar. Agarra-se a Kid, pedindo-lhe que não saia. O rapaz, porém, já bastante irritado com a miserável acção do chefe, escapa-se por uma porta lateral e vai espreitar pelo lado oposto. Ha um automóvel parado em frente da casa. Pela vidraça aberta, Kid encosta uma pistola à cabeça de um indivíduo que tem na mão uma metralhadora, apontada para a porta da casa:

— Rende-te, cachorro!

O homem, sentindo o frio do cano na nuca, não se move.

— Atira para fora do carro a arma, antes que te mande para o inferno! Sou o Kid, ouviram!? Agora voltem e vão dizer ao patrão que eu lhes poupei a vida, canalhas, para que lhe possam comunicar que Kid ainda se defende!

E os homens partem. Nan, que sai neste momento, agarra-se ao rapaz, chorosa, pedindo-lhe para fugirem da cidade. Kid, porém, que nunca fugiu de nada na sua vida, resolve ir falar ao chefe pessoalmente, e antes que a pequena lhe possa impedir o passo, toma o seu automóvel e abala para o clube. A festa está quasi finda quando Kid chega.

— Onde está Maskal? interroga ao

O PAPÁ DAS PERNAS ALTAS (Daddy Long Legs): — Lembro-me de ter visto, há alguns 11 ou 12 anos, no «Passos Manuel», a versão silenciosa desta fita, que a «Famous Players» produziu com Mary Pickford no papel de Juddy e Mahlon Hamilton no de Daddy. Lembrome perfeitamente que gostei muito desta película, que apreciei as atitudes garotas dessa grande actriz Mary Pickford, especializada então em papeis infantis.

Mas «O Papá das pernas altas» que hoje nos apresentam na versão fonográfica, dá-nos uma Juddy um pouco diferente, não na forma geral da personagem

e sua posição na descrição da história, mas no seu aspecto anímico, onde os sentimentos se debatem mais fortemente, onde, no meio daquelas peripécias cheias de ternura, suavidade e encantamento, há, por vezes, assomos trágicos de íntima tristeza. A Juddy de Mary Pickford era toda gaiatic, infantilidade, traquinice. Ria e brincava com os miudos do orfanato, como de irmão para irmão. A Juddy de Janet Gaynor, muito embora traçada pela mesma pena, apresenta-se com características de maior responsabilidade, como se fosse propositamente idealizada para a personalidade da gran-

ros querem meter-lhe medo, mas o destemido rapaz faz-se senhor da situação. — Quem manda aqui sou eu! Eu sei que Nan é inocente. Quem matou o chefe ha de pagar o seu crime, nas mãos da justiça.

\* \* \*

Uma corrida doida na noite. Kid segura o volante do carro. No banco de trás vão três dos bandidos, dispostos a vingar a morte do chefe. Kid, carrega no acelerador, numa furia louca, enquanto Nan, a seu lado, e já armada com o revolver que ele lhe passara, obriga os três sequestradores a lançar fora as armas. — Atirem, se têm coragem, mas à voz de fogo, atira-os-ei também pelo desfila-deiro! O carro, como uma flexa, rompe a noite, à beira de um precipício de muitos metros de profundidade. Um a um os homens obedecem à intimação. Podiam matar a rapariga ou ferir Kid, mas este mata-os-lá a todos...

Por fim, amainada a carreira, de revolver em punho, Kid obriga-os a descer. Agora vão a pé para casa. Não-de dizer que foi Aggie quem o matou. Nós não, queremos viver e ser felizes...

## O crime da gordura

(Continuação da pág. 8)

ras com a maquiagem feita, no estúdio 21. Peso: 105 libras).

A estrela vai-se pesar... Horror!... O fiel marca 115 libras!... E' preciso abater 10 libras em menos de uma semana!...

Não comer, não dormir, fazer seis horas de exercício, passar por banhos turcos, electricos e radiantos... Sofrer massagens diárias... Por fim, já exausta. Vê que a balança marca 95 libras... Agora é o trabalho inverso, para engordar mais 10 libras...

Mas não é só a gordura o suplício das estrelas... Elas não podem ler, para não perderem o brilho dos olhos... E as estrelas do cinema sonoro não podem falar demasiadamente, — para não estragarem a voz!...

Penitências piores que as impostas pelas mais austeras religiões... E cinco anos depois vem o esquecimento, os salários mais baixos, as fotografias que

não mais se publicam nas revistas e jornais da especialidade... Tornam-se uns cadáveres ambulantes...

Todavia, Hollywood não deixa de ser para os jovens de todo o mundo um dos poucos oásis que há no deserto da vida moderna...

## Estrélas fugazes

(Continuação da pag. 9)

Não passa uma semana sem que os jornais digam que um conhecido «astro» ou uma bem cotada «estrela» entrou para um hospítal, vítima de desastres ou doenças perigosas...

As operações à apendicite são frequentes... Um médico fez recentemente as seguintes declarações:

«Aqui chamamos apendicite a qualquer enfermidade; é um nome simpático para muitas doenças abomináveis que não convem que o público saiba...»

A's nossas mãos pecadoras chegou uma lista de semi-deuses operados de apendicite... São eles: Rod La Rocque, Harold Lloyd, Clara Bow, Ken Maynard, Noah Beery, Janet Gaynor, Grant Withers, Charley Chase, Edmund Lowe, Colleen Moore, Jocelyn Lee, Jacqueline Logan, Lina Basquette, Molly O'Day, Constance Bennett, Ralph Forbes...

E os sacrifícios femininos para não perder a estética e a beleza?... Ser uma figura airosa e esbelta é o segredo do êxito... O caso de Colleen Moore é típico: vive de pepinos com vinagre e de sumo de laranjas... Pobre estrela!...

Não, não tenhais inveja da vida de milionários dos «astros» de Hollywood... Uma estatística recente assinala uma proporção de cinco actores que succumbem para uma actriz... A razão talvez seja devida a que as actrizes não tem de empreender exercícios tam ariscados como os de Tom Mix, nem atormentar-se com caracterizações tam realistas como as de Lon Chaney... A's mulheres basta a beleza, a linha estética...

Mas a tragédia mais custosa de Hollywood é a carreira dum «astro» que termina, — as «estrelas» fugazes que desaparecem como meteoros...

## «Ruas da Cidade»

(«City Streets»)

Produção da «Paramount»  
Realização de Rouben Mamoulian  
PRINCIPAIS INTERPRETES

Gary Cooper.....	Kid
Sylvia Sidney.....	Nan
Paul Lukas.....	Peter Maskal
William Boyd.....	«Cabo de ordens»

«cabo de ordens» do chefe. — Saiu, chamado por Nan... A pequena resolveu entregar-se.

Kid, ao ouvir isto, lança-o a terra terra com um soco. E sem mais delongas, toma o carro e voa para casa de Maskal.

Nan, efectivamente, ao ver sair Kid, para evitar a tragédia, chama Maskal pelo telefone.

— Lembra-te da promessa que me fizeste? — disse-lhe: — Aceito-a... Irei ter contigo, em tua casa, daqui a uns minutos... O chefe, todo satisfeito, resolve ir para casa, onde Nan deve estar à sua espera. A meio do caminho, tenta pôr fora do carro Aggie, a antiga amante de Blackie, que com ele vive. Esta, porém, recusa-se. Mas, ao entrar em casa, Maskal põe-na na rua. E, passando à sala onde o espera Nan, começou a fazer planos sobre a sua «lua de mel»... Aggie, cheia de zêlos, consegue penetrar pela porta da frente e, pegando numa pistola que se encontra na bolsinha de mão de Nan, dispara um tiro certo contra Maskal, que cai morto. Depois, ela mesma brada por socorro. Quando chegam um empregado da casa e mais alguns sequestradores de Maskal, Aggie acusa Nan de haver matado este.

— Foste tu que o mataste! Eu estava da parte de fora, mas vi tudo pela vidraça. Não negues, a pistola é tua, não é? Neste momento entra Kid. Os esbir-



JACKIE COOGAN

a-pesar-de já ser um homensinho, volta a ser «o garoto» em «Aventuras de Tom Sawyer», a sua primeira fita falada, que a «Paramount» apresentará esta época

de ingénua americana. À sua missão, junto dos pobres orfãos como ela, é velar por eles com maternal carinho.

E Janet Gaynor tem, nesta primeira parte do filme, momentos de excepcional actriz — e a sua tirada, quando o inspector a censura pela «gratidão» para com os seus protectores, entusiasma pelo seu extraordinário fôlego, pela sua enor-



me potência histriónica. Depois, noutro ambiente já, não menos valiosa é a actuação de Janet Gaynor. Sempre na ânsia de conhecer o «O Papá das Pernas Altas», seu bemfedor, hesitante entre a afeição que lhe dispensa e na que lhe inspira o milionário Pendleton, que ela ignora serem uma e a mesma pessoa, sempre ensombrada a sua felicidade pela obscuridade do seu nascimento, Janet Gaynor deu à sua complexa personagem todo o brilho exigido, sobrelevando, com a sua graça e a sua personalidade, o relevo com que o seu talento a esmalta.

Diante da interpretação de Janet Gaynor, figura central de todo o argumento, esfumam-se os restantes membros do elenco, sem que se impeça, no entanto, uma boa referência a Warner Baxter, artista que não temos visto muitas vezes, mas que é um excelente actor. O seu «papá» foi sobrio, comedido, simpático. Gostei muito.

«O Papá das Pernas Altas», cuja primorosa técnica de filmagem nos põe em destacância o nome do realizador Alfred Santell, é uma pequena obra-prima. Se, por vezes, a abundância do diálogo parece perturbar a acção, tal não sucede senão em parte das bobinas centrais, porque a excelência das imagens, sobretudo na primeira metade do filme, nos fazem esquecer que ele é falado em língua que não é a nossa. Pena é que, a meio da narrativa, a descrição filmica esmoreça um pouco, cedendo terreno a descrição verbal...

Mesmo com este senão, «O Papá das Pernas Altas» é uma comédia de valor, que satisfaz.

Autor: Jean Webster. Cenarista: Sonya Levien. Realizador: Alfred Santell. Intérpretes: Juddy Abbott, Janet Gaynor; Jervis Pendleton, Warner Baxter; Sally, Una Merkel; Riggs, Claude Gillingwater; Mrs. Pendleton, Kathlyn Williams; Jimmy, John Arledge; Mrs. Semple, Effie Ellsler; Freddie Perkins, Kendal MacComas; Mrs. Lippett, Elizabeth Patterson; Mrs. Pritchard, Louise Closser Hale; Katie, Martha Lee Sparks; Gloria, Sheila Mannors.

Produzida em 1931 pela «FOX». Programa Comp. Cinematográfica de Portugal, Secção «FOX». Estreada no «Trindade» em 26 Janeiro 1932.

**O INFERNO DOURADO (The Spoilers):** — Uma fita de exteriores, desta vez fugindo ao Oeste, para se desenrolar ao Norte, no Alaska misterioso e rico, onde são permanentes as lutas pela conquista do ouro que vem das entranhas da terra, lutas nem sempre leais, quasi sempre desonestas. «O Inferno Dourado» foca uma dessas lutas em que a maldade impera na usurpação dos beneficios do trabalho alheio, e, na sua novela, há momentos preciosos de essência filmica, que o realizador Edwin Carewe, de quem ainda há pouco vimos «Ressurreição», salientou com mestria.

Simplemente, o ambiente dos filmes deste género, sejam de peripécias ocorridas na defeza duma fazenda no Oeste, sejam de longas caminhadas em *covered wagons* que vão fazer a travessia da América, pioneiros da civilização, sejam de acontecimentos passados à volta duma mina nas regiões do Arizona ou do Alaska, não cal bem no nosso público, em parte pela abundância de filmes desta classe que a América, há anos, atirou para as telas de todo o mundo, e, principalmente, pela pouca atracção que oferece ao nosso temperamento e aos nossos costumes a vida nesses exteriores,



desde que a simples curiosidade que o inusitado sempre desperta, já desapareceu.

Deste modo, «The Spoilers», obra do grande escritor americano Rex Beach, que qualquer *flapper* sabe de cór, levada ao cinema por duas ou três vezes (não me ocorre o nome com que foi exibida em Portugal a primeira versão feita em 1923 pela «Goldwyn»), não pode dar satisfação completa ao nosso publico, só porque a acção decorre entre pesquisadores de ouro no Alaska. E só por isso, é posta de parte a boa realização de Carewe, o desempenho homogéneo de Gary Cooper, William Boyd (2.º), Harry Green e Slim Summerville nos principais papéis masculinos e Kay Johnson, que vi pela primeira vez e que me agradou, e Betty Compton, nas duas únicas figuras femininas da obra, nem se aprecia devidamente a luta final, que é o *clou* do filme, luta demorada, mas de extraordinário e impressionante realismo.

«O Inferno Dourado» é uma boa fita. Mas está deslocada nos tempos que correm, podendo satisfazer aos que sobe-rem prescindir das exigencias espectaculares a que alguns filmes os habituaram.

Autor: Rex Beach. Cenaristas: Bartlett Cormack e Agnes Brand Leahy. Fotógrafo: Harry Fischbeck. Realizador: Edwin Carewe. Intérpretes: Roy, Gary Cooper; Helen, Kay Johnson; MacNamara, William Boyd (2.º); Cherry, Betty Compton; Herman, Harry Green; Slapjack, Slim Summerville; Dextry, James Kirkwood; Juiz, Lloyd Ingraham; Struve, Oscar Apfel.

Produzida em 1930 pela «Paramount». Programa «Paramount Filmes S. A.». Estreada no «Passos Manuel» em 25 Janeiro 1932.

**O REBELDE (Le Rebelle):** — Eu estava a gostar desta fita. Estava a dizer comigo mesmo que era o melhor trabalho saído dos estúdios «Paramount», de França. Sentia-me contente por ter mais uma fita para elogiar (é muito mais agradável ter que dizer bem do que mal). Mas quando chegou o fim da história, fiquei k. o. E roguei não sei quantas pragas ao Benno Vigny.

Então admite-se que aquela mulher, que, a despeito da simples camaradagem que lhe prometeu, tanto devia adorar o marido, para tanto se sacrificar por ele, chegue ao fim e o abandone, trocando-o pelo general, homem temido, antipático, austero, de quem ficou sua amásia? E, o que é peor, sem haver o mais pequeno pormenor cénico que pretendesse justificar tal atitude, verdadeira aberração de sentimentos!

Não, meu caro Benno Vigny! Você não me venha dizer que tal remate é absolutamente humano. Não senhor! Humano era o final da sua «Margem Esquerda»! Humanissimo era o desfecho dessa obra-prima «Marrocos», que a sua pena maravilhosa escreveu!

Agora, o de «O Rebelde» é tudo quanto há de mais deshumano, ilógico, inaceitável. Você não é o principal culpado. Obrigam-no, decerto, a escrever cenários em série. Ora isso não pode ser! Em série é o fabrico dos automoveis Ford. Em série podem escrever-se folhetins rocambolcosos. Em série é o fabrico dos gramofones na magnifica *charge*, de René Clair que você, decerto, também viu. Mas não se escrevem cenários cinematográficos. Benno Vigny, tenha cuida-



do com o seu nome, e escreva antes muitas «Amy Jollys!»

Adelqui Millar, que realizou «O Rebelde», subiu um ponto na cotação que me merecia. Sem grandes manifestações de talento directivo, fez trabalho honesto. Foi auxiliado por bons intérpretes, como Suzy Vernon (ora seja muito bem aparecida!) num papel bastante duvidoso

# PHOTO-TONE

# TALKAFILM

## A maravilha da reprodução SONORA

Pedidos de informações a

### Augusto Alberto de Sousa

Travessa Passos Manuel, 22-1.º — PORTO

Os melhores resultados pelos preços mais acessíveis

■ ■

Tipos de aparelhos para todas as categorias de cinemas

■ ■

A marca que tem garantido grandes enchentes no cinema «Batalha» — Porto

■ ■

O aparelho Sonoro que os cinemas da província estão aguardando

e indefinido, Pierre Batcheff, que foi um rebelde com correcção (interpretativa, é claro!) e Thomy Bourdelle, magnífico na encarnação da figura exageradamente má, quasi ridícula, do general Platoff.

E' pena que o atabalhoado remate da história prejudique as boas qualidades de «O Rebelde».

Autor: Benno Vigny. Realizador: Adelqui Millar. Intérpretes: *Maria*, Suzy Vernon; *Boris*, Pierre Batcheff; *General Platoff*, Thomy Bourdelle. Outros intérpretes: Paule Andral, Henry Prestat, Jeanne Brazine.

Produzida em 1931 pela «Paramount» (França). Programa «Paramount Films S. A. Estreada no «Olimpia» em 25 Janeiro 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA



Nesta semana fazem anos:

- Jan. 30 — Greta Nissen.
- 30 — So-Jin (41).
- Fev. 1 — Clark Gable (31).
- 2 — Ossi Oswalda
- 5 — Monta Bell (realizador).

# BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

## CINEMA SONORO

■ ■

Sabado, 30 — Domingo, 31 e Segunda-feira, 1

### ULTIMAS EXIBIÇÕES

do super-documentário

# O BRAZIL MARAVILHOSO

Uma produção extraordinária que tem sido um grande exito

## PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

## N.º 2

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

## Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 4 e 6 de Fevereiro  
OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 4 e 6 de Fevereiro  
PASSOS — Matinée de Quinta-feira, 4 de Fevereiro  
BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 4 de Fevereiro  
CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 6 de Fevereiro

**Castelo Lopes, L.<sup>da</sup>**

*a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos*



*Apresenta na Segunda-feira, 1, no*

**Cinema Agua d'Ouro**

**o encantador filme-opereta cantado  
e falado em francês**

**Nos Lábios... Não!...**

*(Bas sur la bouche)*



Com o grande actor cómico

**NICOLAS RIMSKY,**

e Mireille Perrey, Madeleine Guitty, Pierre Mo-  
reno, Jacques Grétilat e Alice Tissot



**Linda musica — Magnificas canções**